

## **ESTRATÉGIAS E ADJACÊNCIAS: REVISITANDO CONCEITUAÇÕES**

Maria Inez Mateus DOTA<sup>1</sup>

- **RESUMO:** Este artigo analisa a conceituação do termo "estratégias", comparando-o com termos próximos, tais como "táticas", "habilidades", "processos" e "planos", no contexto de ensino de leitura em língua estrangeira; discute os conceitos de "estratégias de aprendizagem" e "estratégias comunicativas"; aponta para um certo consenso sob as definições discutidas e enfatiza procedimentos conscientes guiados pelo professor, visando à compreensão da língua escrita.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Estratégias; estratégias de leitura; estratégias cognitivas; estratégias metacognitivas; ensino de língua estrangeira.

### **Conceituação do termo**

São muitas as acepções em que o termo "estratégias" tem sido empregado, principalmente na literatura anglo-americana que aborda o processo de leitura, tanto em língua materna como em língua estrangeira. Trabalhos recentes nesta área – Stevick (1990) e Moura (1992) – apontam uma profusão de definições e imbricamentos com outros termos. Nosso objetivo, no presente artigo, é verificar o que há de comum entre essas definições e como podem ser analisadas, tendo como perspectiva o ensino de uma língua estrangeira, no que diz respeito à compreensão da forma escrita.

---

<sup>1</sup> Departamento de Ciências Humanas – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – UNESP – 17033-360 – Bauru – SP.

De forma geral, estratégias de leitura revelam a maneira com que o leitor interage com o texto. Esse modo de interação pode ser o resultado de um processo individual, desenvolvido pelo próprio aprendiz em contato com a língua-alvo, como pode ser também o resultado de sua interação com o trabalho desenvolvido pelo professor de línguas, no sentido de lhe facilitar as atividades de leitura. Pode, ainda, resultar da junção desses dois fatores.

Tanto um caso como o outro devem ser levados em consideração quando se discute a didática de uma língua e aqui, especificamente, o ensino de leitura.

Para os cognitivistas, como Goodman e Smith (apud Kato, 1987, p. 63-4), o termo "estratégias" é "empregado para caracterizar os diversos comportamentos hipotetizados no leitor durante o processo de ler". Goodman (1982) fala de um jogo psicolinguístico de adivinhações e Smith (1978) aponta, como a melhor estratégia para leitura, formular perguntas apropriadas e encontrar respostas relevantes.

Ambos vêem a estratégia de predição ou adivinhação como fundamental numa leitura significativa, pois esta não envolve apenas o *input* visual (a língua, a nosso ver), mas também informações não-visuais do universo cognitivo do leitor (no qual se inclui a atividade da linguagem, definida por Culioli (apud Fuchs & Le Goffic, 1985, p. 128) como a faculdade universal de produzir e interpretar textos por um processo de operações generalizáveis entre as línguas).

Esse jogo de perguntas e respostas de que falam Goodman e Smith constitui o diálogo que se estabelece entre o leitor e o texto. Precisamos ser mais explícitos, entretanto: o sentido é reconstruído à medida que o leitor reconhece os processos de interação entre um "eu" e um "tu", cujas marcas sintáticas, semânticas e pragmáticas se mostram nas formas linguísticas.

Na visão de Van Dijk & Kintsch (1983, p. 64-5), numa obra que discute estratégias de compreensão do discurso, a acepção do termo se amplia de forma bastante genérica: estratégia é a melhor maneira de se alcançar um objetivo. Assim colocada, essa definição pode se aplicar a qualquer atividade que executamos, e não especialmente a uma atividade da linguagem.

Creemos que essa generalização não invalida a definição desses autores, pois não vemos, no processo de leitura, uma separação entre estratégias cognitivas (como a análise e síntese, procedimentos mais genéricos e comuns a qualquer estruturação do conteúdo/conheci-

mento) e estratégias da linguagem (princípios unificadores, pertencentes à linguagem e não a uma determinada língua). Tal visão, no entender de Rezende (1994, p.1218), não distingue duas abordagens de linguagem:

uma para as línguas, essencialmente lingüística, e outra para o pensamento, essencialmente cognitiva e presente no processo de representação em geral. Na reflexão que fazemos não há o nível específico, mas linguagem e pensamento são identificados.

Diversos autores apontam a questão da escolha deliberada de determinados caminhos, por parte do leitor, como ponto comum em suas conceituações do termo "estratégias".

Cohen (1987, p.61) define estratégias de leitura como os processos mentais que, conscientemente, o leitor utiliza para executar suas tarefas de leitura. Semelhantemente, Pritchard (1990, p.275) fala de estratégias como uma ação deliberada que os leitores executam para desenvolver o entendimento daquilo que lêem. Também Brown (1980, p.456) incorpora em estratégias de leitura qualquer controle de atividades planejadas e deliberadas que dão origem à compreensão. Ainda Olshavsky (1976, 1977, p.656) admite que uma estratégia é um meio proposital de se compreender a mensagem do autor.

Sharwood Smith (1977, p.348), de certa forma, também ressalta a questão da consciência. Observa que as estratégias para lidar com material lingüístico em determinada língua estrangeira surgem quando o aprendiz descobre que não tem competência lingüística em determinado aspecto dessa língua.

Definir estratégias como procedimentos conscientes, adotados pelo aprendiz, parece-nos essencial no ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira. Uma vez que não se trata de aprendizagem pelo contato natural com a língua-alvo, é necessário que o aluno esteja ciente dos passos que podem facilitar sua trajetória e que lhe sejam dados meios para controlá-los.

## **Estratégias e táticas**

Uma outra forma de abordar o termo "estratégias" é discuti-lo em paralelo com outros termos de acepção próxima. Seliger (apud Stevick, 1990, p.143-4) faz distinção entre "estratégia" e "tática", no contexto

de aprendizagem da língua estrangeira em geral, e não apenas no caso específico da leitura. O primeiro seria ora a forma de processamento, ora o nível de processamento, ora ainda o ato cognitivo que pode ser apontado como a formação de hipóteses.

O segundo termo – “tática” – consistiria, para o referido autor, numa grande variedade de comportamentos ou atividades de aprendizagem que dependem de fatores, tais como comportamento, idade, personalidade, imposições afetivas e o papel da primeira língua.

Não vemos razão para tal diferenciação, uma vez que os comportamentos ou atividades dependentes dos fatores acima apontados parecem-nos interligados à forma de processamento adotada pelo aprendiz ou ao rumo escolhido pelo professor de línguas para o seu trabalho.

Um outro aspecto da posição de Seliger com o qual não concordamos é o fato de ele afirmar que as estratégias, embora invariantes e universais, não podem ser ensinadas e adquiridas. Mesmo considerando sua definição de estratégias como forma ou nível de processamento, cremos que, como professores de língua estrangeira, podemos oferecer meios para que os aprendizes desenvolvam estratégias de aprendizagem, não importa a habilidade (ouvir, falar, ler ou escrever) que queiramos enfatizar.

## **Estratégias e habilidades**

Pode-se também fazer um contraste entre os termos “estratégias” e “habilidades”. Carrell (1989, p.129) refere-se a estratégias como as ações deliberadas que os aprendizes ou leitores selecionam e controlam para alcançar objetivos desejados; enfatiza, assim, a participação ativa do leitor, enquanto habilidade lhe sugere uma capacidade passiva que não é necessariamente ativada.

No que concerne às atividades de leitura, parece-nos serem as habilidades o produto, isto é, o resultado de um conjunto de procedimentos que o leitor utiliza ao realizar o processo de compreensão de um texto com sucesso. As estratégias são, portanto, os mecanismos pelos quais se chega a uma habilidade. Quando dizemos, então, que um leitor tem habilidade para leitura em língua estrangeira, não vemos nisso nenhuma conotação passiva.

Observamos que o objetivo do instrutor deva ser mostrar como o aprendiz pode articular os procedimentos de leitura, de forma que estes conduzam a uma habilidade final do aluno, ou seja, apontar meios de levá-lo a refletir sobre os passos (o processo) que conduzem a essa habilidade, ativando o pensamento e, ao mesmo tempo, manipulando a língua em questão. Em outras palavras, podemos dizer que a habilidade diz respeito ao desempenho-alvo em uma determinada língua, enquanto as estratégias remetem à atividade da linguagem que é a construção do significado.

## **Estratégias e processos**

Uma outra distinção que vale a pena mencionar é a apresentada por Blum & Levenston (1978, p.402). Para esses autores, no âmbito da aquisição de uma segunda língua, "estratégia" é a maneira com que o aprendiz chega a um determinado uso da língua, num dado momento, e "processo" diz respeito a uma série sistemática de passos pelos quais o aprendiz chega ao mesmo uso, com o passar do tempo.

No caso de leitura, seja L1 ou L2, parece-nos que esta conceituação de Blum & Levenston com relação a "processo" se aproxima bastante daquilo que os leitores fazem quando lêem um texto. Cremos que o conjunto de estratégias utilizadas na abordagem do texto constitui aquilo que se pode chamar de processo de compreensão, ou seja, uma linguagem interna, de ordem cognitiva, utilizada na procura do sentido.

## **Estratégias e planos**

"Planos" e "estratégias" também se colocam lado a lado, na literatura sobre ensino/aprendizagem de língua estrangeira. Faerch & Kasper (1983, p.35-6) e Sharwood Smith (1977, p.348) fazem distinção entre planos mais conscientes e planos menos conscientes, considerando os estratégicos aqueles traçados conscientemente.

A nosso ver, estratégias são também planos que o aprendiz precisa traçar para lidar com a língua-alvo. Em se tratando de aprendizagem de língua fora do meio natural, não há razão para se falar em planos mais conscientes ou menos conscientes. O educador, apoiado na

interdisciplinaridade que o ensino de línguas exige (aspectos psicológicos, antropológicos, sociológicos) deve ensinar o aluno a pensar, a refletir sobre questões linguísticas em suas relações com o extralinguístico. Essa atividade precisa, necessariamente, ser consciente.

Trazer a atividade epilinguística<sup>2</sup> à tona é transformar toda atividade inconsciente em consciente. O professor, conhecedor de uma metalinguística,<sup>3</sup> tem obrigação de fazer esse papel, conscientemente, explicitamente, em sua metodologia (Rezende, comunicação pessoal)

## **Estratégias de aprendizagem**

Além de Seliger, outros autores se dedicam ao estudo de estratégias na aprendizagem de uma segunda língua, extrapolando os limites da leitura. Wenden (1987, p.6-7) insere seu trabalho na área de pesquisa dos processos mentais e estruturas que constituem o campo da ciência cognitiva. Conceitua o termo, enfocando três pontos:

o termo estratégias de aprendizagem se refere aos comportamentos de aprendizagem de uma língua em que os aprendizes realmente se engajam, ao aprender e regular a aprendizagem de uma segunda língua ...

o termo estratégias de aprendizagem se refere àquilo que os aprendizes sabem sobre as estratégias que utilizam, isto é, seu conhecimento estratégico. Esse conhecimento é revelado em afirmações que os aprendizes fazem quando lhes é solicitado que retrocedam seu pensamento ou façam um retrospecto sobre aspectos gerais ou específicos de sua aprendizagem da língua, por exemplo quando eles são entrevistados, completam um questionário ou escrevem em um diário ...

o termo estratégias de aprendizagem também se refere àquilo que os aprendizes sabem sobre aspectos de sua aprendizagem da língua além das estratégias que utilizam, por exemplo, que fatores pessoais facilitam a aprendizagem de L2; os princípios gerais a seguir, para aprender uma segunda língua com sucesso; o que é fácil ou difícil sobre a aprendizagem de uma dada língua; com que grau de desempenho eles podem utilizar essa língua. Pressupõe-se que esse conhecimento possa influenciar a escolha de estratégias do aprendiz. (tradução nossa)

---

2 Na teoria de Culioli, o termo epilinguístico refere-se à atividade inconsciente de reflexão sobre a língua, efetuada por todo sujeito falante; é a intuição sobre a estruturação desta língua, quer seja L1 ou L2 (Bailly, 1985, p.38).

3 Atividade metalinguística consiste em tornar consciente a atividade epilinguística. Quando se trata de L2, a atividade epilinguística interage com os efeitos da atividade metalinguística deliberada e relativamente controlada pelo professor por meio das estratégias de orientação.

Entendemos ser relevante apontar como estratégicos os comportamentos verificados na aprendizagem de uma língua, bem como o conhecimento (consciência) que se deva ter sobre a razão e função desse comportamento estratégico. Aí se incluem, certamente, as estratégias que o aprendiz deve desenvolver no sentido de procurar as marcas do texto que o levem a processos generalizantes (marcas do tempo, do aspecto, da modalidade, cf. *Dota*, 1995, p. 157) e que, na reconstrução do sentido, permitam-lhes recuperar a intenção do escritor.

Uma outra contribuição sobre estratégias do aprendiz, mais ampla, sem se preocupar com as diferenças terminológicas, nos é trazida por Rubin (*Wenden & Rubin*, 1987, p.19). Estratégias do aprendiz incluem qualquer conjunto de operações, passos, planos, rotinas usados pelo aprendiz para facilitar a obtenção, armazenamento, recuperação e uso da informação, isto é, o que os aprendizes fazem para aprender e o que fazem para regular essa aprendizagem

## **Estratégias cognitivas e metacognitivas**

Já tendo mencionado, em seções anteriores, a regulação do processo de aprendizagem por parte do próprio aprendiz, e o papel da consciência no ensino/aprendizagem de L2, cabe fazermos a diferenciação daquilo que a literatura aponta como estratégias cognitivas e metacognitivas.

De acordo com O'Malley et al. (apud *Wenden & Rubin*, 1987, p.23), ambas são habilidades cognitivas complexas e assim se distinguem:

metacognitivo se refere a: (1) conhecimento sobre os processos cognitivos, e (2) regulação da cognição ou controle executivo ou auto-gerenciamento através de processos tais como planejamento, monitoração e avaliação. As estratégias cognitivas se referem aos passos ou operações usadas na aprendizagem ou solução de problemas que exigem análise direta, transformação ou síntese de materiais de aprendizagem. A cognição consiste naqueles processos ou estratégias através dos quais um indivíduo obtém conhecimento ou entendimento conceitual. (tradução e grifos nossos)

O próprio O'Malley (em parceria com *Chamot*, 1990, p.144), entretanto, confessa ter dificuldade em fazer essa distinção circunscrevendo limites precisos entre estratégias cognitivas e metacognitivas.

Explicação semelhante à de O'Malley nos é apresentada por Brown (1980, p.453):

Vygotsky (1962) descreveu duas fases no desenvolvimento do conhecimento: primeiro, sua aquisição inconsciente automática, seguida de aumentos graduais no controle consciente e ativo sobre esse conhecimento. A distinção é essencialmente a separação entre aspectos cognitivos e metacognitivos do desempenho. A metacognição se refere ao controle consciente e deliberado das próprias ações cognitivas do indivíduo. (tradução nossa)

Com o propósito de testar a validade dessa metacognição sobre os procedimentos empregados na leitura em língua inglesa, desenvolvemos um trabalho com quatro informantes (Dota, 1992), em que apontamos a importância para o aprendiz de se ter consciência sobre as estratégias utilizadas, sua finalidade e monitoração.

Ainda com o objetivo de mostrar como se conceituam estratégias cognitivas e metacognitivas, incluímos aqui a classificação de Morles (1986, p.16-7). Para este autor, as estratégias cognitivas são aquelas que o leitor deve levar a cabo para organizar, focalizar, integrar etc, a informação, de maneira que esta possa ser incorporada à estrutura cognitiva do leitor. Agrupa-as em cinco categorias principais: a organização, a focalização, a elaboração, a integração e a verificação.

No que diz respeito às estratégias metacognitivas, Morles define-as como a metacompreensão do texto, ou seja, as ações conscientes que o leitor executa para assegurar a efetividade do processamento da informação contida no texto. O autor agrupa tais estratégias em quatro categorias: a planificação, a execução, a regulação e a avaliação.

Embora Morles conceitue cada uma dessas categorias de forma diferente, vemos uma superposição entre o que o autor chama de categorias cognitivas e categorias metacognitivas, como, por exemplo, a organização (alocada como cognitiva) e a planificação (alocada como metacognitiva). Ademais, apesar de Morles descrever em que consiste cada um dos elementos de sua classificação, não aponta como essas estratégias devem ser abordadas em termos de marcas de uma determinada língua.

O valor dessa diferenciação reside no fato de que o trabalho estratégico com a metacognição é a razão para o ensino/aprendizagem de línguas. Se o ensino não for desenvolvido por meio da consciência sobre o funcionamento de L2 (consciência metalingüística), qual seria o objetivo dessa tarefa? O automatismo? O treinamento puro e simples?

## **Estratégias comunicativas**

Fala-se ainda em estratégias comunicativas, conceituando-as como uma técnica sistemática empregada pelo falante para expressar seu significado, quando depara com alguma dificuldade (Corder, 1983, p 16), ou, segundo Faerch & Kasper (1983, p 36), planos potencialmente conscientes para resolver aquilo que se apresenta a um indivíduo como problema, visando alcançar um determinado objetivo comunicativo.

Uma vez que entendemos os processos de leitura e produção (oral ou escrita), como pontos de convergência de operações comuns, presentes tanto na construção como na reconstrução do texto, cremos que tanto a definição de Corder como a de Faerch & Kasper podem bem ser validadas como estratégias para leitura

## **Estratégias e a teoria das operações enunciativas**

Na literatura francesa que trata do ensino de línguas à luz da teoria das operações enunciativas de Culioli (Dota, 1995), o termo “estratégias” não é tão freqüente como ocorre na literatura anglo-americana. Quando aparece, não se distancia da conceituação que vimos discutindo.

Para Bailly (1985, p.60), estratégia é um programa, um plano, um conjunto de ações coordenadas, estabelecido em função de se alcançar um alvo, de realizar um projeto, de resolver um problema. A autora também faz menção ao termo “táticas”, como os contornos, as escolhas executivas, os ajustes concretos que serão necessários para a gestão e consecução do objetivo proposto.

No caso da aprendizagem de uma língua estrangeira, Bailly aponta, como dificuldade ou problema a ser resolvido, a própria aprendizagem dessa língua. As estratégias de aprendizagem serão, por conseguinte, o conjunto interativo das estratégias de condução – *stratégies de guidage* –, que emanam do ensino revestido de seu método, e das estratégias de apropriação, construídas pelos próprios alunos, que se apoderam daquilo que podem, a partir do ensino recebido e de sua criatividade pessoal.

A questão da conscientização dos aprendizes sobre as estratégias de compreensão e sua correlação com a língua materna são ressaltadas por Moirand (1979, p.52-3):

É preciso fazê-los tomar consciência das estratégias de compreensão que eles desenvolvem em língua materna (de sua competência de leitura) a fim de que eles vejam, por si próprios, se elas são transferíveis ou não para a língua estrangeira, é preciso fazê-los adquirir confiança em si mesmos e em suas próprias capacidades. É nesse aspecto que o papel do instrutor e do grupo é fundamental, dentro de uma pedagogia da compreensão que visa, em última análise, à autonomia dos aprendizes (tradução nossa)

Relacionando cognição e linguagem, Vignaux (1988, p.166) refere-se a estratégias como meios a que procedemos para construir as representações

o cognitivo é aquilo que vai designar a forma interiorizada que as nossas representações das realidades do mundo vão assumir, ao mesmo tempo que os meios, as estratégias pelas quais nós vamos proceder para construir essas representações. Dentre todos esses meios (percepções físicas, auditivas, visuais), somente a linguagem é capaz de lhes "colocar em forma" e, sobretudo, de assegurar transmissão e manipulação simbólica (tradução nossa)

Uma vez que entendemos produção e reconhecimento como as duas faces de um mesmo processo, vemos na definição de Vignaux uma indicação daquilo que ocorre na compreensão de textos. Salientamos, contudo, a exemplo do que propaga Bailly, a necessidade de se explicitarem tais estratégias. O professor precisa mostrar as soluções que a língua estrangeira escolhe para realizar em superfície suas representações.

## **Conclusão**

Tentamos, com a apresentação de algumas conceituações de estratégias, mostrar como este termo vem sendo empregado, principalmente no processo de leitura. Embora se possam perceber algumas divergências entre os autores citados, quanto ao sentido do termo em si e à sua superposição com outros, tais como táticas, processos e planos, cremos que há um certo consenso sob as definições aqui trazidas.

Estratégias são passos ou decisões que o aprendiz toma para atingir determinado objetivo. No caso específico de leitura em língua estrangeira, devem constituir os mecanismos conscientes adotados pelo leitor (fruto da criatividade pessoal mais o trabalho de condução do professor) para chegar às marcas que vão conduzi-lo na reconstrução do significado do texto.

Insistimos na posição de trazer esses passos à consciência do aprendiz, explicando e analisando os fenômenos linguísticos à luz de questões mais amplas de ordem da linguagem, válidas tanto para a língua materna quanto para a língua estrangeira, dentro de uma metalinguagem apropriada, para facilitar a compreensão e, portanto, a aprendizagem.

DOTA, M. I. M. Strategies and neighbouring terms: revisiting the concepts. *Alfa (São Paulo)*, v.41, p.55-66, 1997.

- **ABSTRACT:** *This article analyses the concepts of the word "strategies", comparing it to neighbouring terms, such as "tactics", "skills", "processes" and "plans", in the context of teaching reading in a foreign language; it discusses the concepts of "learning strategies" and "communicative strategies"; it points to a certain consensus under the definitions discussed and emphasizes conscious procedures guided by the teacher, aiming at the written language comprehension.*
- **KEYWORDS:** *Strategies; reading strategies; cognitive strategies; metacognitive strategies; foreign language teaching.*

## Referências bibliográficas

- BAILLY, D. Quelques aspects des stratégies d'apprentissage de langue second. *Cahiers du DLSL (Lausanne)*, n.1, p.60-73, 1985.
- BLUM, S., LEVENSTON, E. A. Universal of lexical simplification. *Language Learning (Ann Arbor, MI)*, n.28, p.399-416, 1978.
- BROWN, A. L. Metacognitive development and reading. In: SPIRO, R. J. et al. (Ed.) *Theoretical Issues in Reading Comprehension*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, 1980. p.453-81.
- CARRELL, P. L. Metacognitive awareness and second language reading. *The Modern Language Journal (Omaha)*, n.73, p.121-34, 1989.
- COHEN, A. D. Recent uses of mentalistic data in reading strategy research. *D.E.L.T.A. (São Paulo)*, v.3, n.1, p.57-84, 1987.
- CORDER, S. P. Strategies of communication. In: FAERCH, C., KASPER, G. *Strategies in Interlanguage Communication*. New York: Longman, 1983. p.15-9.
- DOTA, M. I. M. Estratégias metacognitivas no processo de leitura em língua estrangeira. In: SEMINÁRIO DO GEL, 39, 1991. *Anais...* Jaú: Fundação Educacional "Dr. Raul Bauab", 1992. p.676-83.

- DOTA, M. I. M. O processo de leitura e as operações enunciativas de Antoine Culioli. *Alfa (São Paulo)*, v.39, p.153-60, 1995.
- FAERCH, C., KASPER, G. *Strategies in Interlanguage Communication*. London: Longman, 1983. p.20-60.
- FUCHS, C., LE GOFFIC, P. *Iniciation aux problèmes des linguistiques contemporaines*. Paris: Hachette, 1985.
- GOODMAN, K. S. Reading: a psycholinguistic guessing game. In: GOLLASCH, F. V. (Ed.) *Language and Literacy*. The Selected Writings of Kenneth S. Goodman. Boston: Routledge and Kegan Paul, 1982. p.33-44.
- KATO, M. A. *O aprendizado da leitura*. São Paulo: Ática, 1987.
- MOIRAND, S. *Situations d'écrit: compréhension/production en français langue étrangère*. Paris: CLE International, 1979.
- MORLES, A. Entretenimento en el uso de estrategias para comprender la lectura. *Lectura y Vida (Buenos Aires)*, n.2, p.15-20, jun. 1986.
- MOURA, E. V. X. de. *Estratégias de LE entre alunos de diferentes níveis de rendimento e de proficiência*. Assis, 1992. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.
- OLSHAVSKY, J. E. Reading as problem solving: an investigation of strategies. *Reading Research Quarterly (Newark)*, v.12, n.4, p.654-74, 1976/1977.
- O'MALLEY, J. M., CHAMOT, A. U. *Learning Strategies in Second Language Acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- PRITCHARD, R. The effects of cultural schemata on reading processing strategies. *Reading Research Quarterly (Newark)*, v.25, n.4, p.273-95, 1990.
- REZENDE, L. M. Ensino de língua: relação teoria/prática. In: SEMINÁRIO DO GEL, 41, 1993. *Anais...* São Paulo: Universidade de São Paulo, 1994. p.1213-21.
- SHARWOOD SMITH, M. Strategies, language transfer and the simulation of the second language learner's mental operations. *Language Learning (Ann Arbor)*, v.29, n.2, p.345-61, 1977.
- SMITH, F. *Reading*. Cambridge: Cambridge University Press, 1978.
- STEVICK, E. W. Research on what?: some terminology. *The Modern Language Journal (Omaha)*, n.74, p.143-53, 1990.
- VAN DIJK, T., KINTSCH, W. *Strategies of Discourse Comprehension*. New York: Academic Press, 1983.
- VIGNAUX, G. *Les discours acteurs du monde*. Paris: Ophrys, 1988.
- WENDEN, A., RUBIN, J. (Ed.) *Learner Strategies in Language Learning*. London: Prentice-Hall International, 1987.